



Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

Saúde Mental: um Campo em Construção

Atena
Editora
Ano 2019

Eliane Regina Pereira

(Organizadora)

Saúde Mental: Um Campo em Construção

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S255	Saúde mental [recurso eletrônico] : um campo em construção / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-596-9 DOI 10.22533/at.ed.969190309 1. Política de saúde. 2. Saúde pública. 3. Serviços de saúde mental – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. CDD 362
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A fabricação da doença

Boa saúde? Saúde ruim? Tudo depende do ponto de vista. Do ponto de vista da grande indústria farmacêutica, a má saúde é muito saudável.

A timidez, digamos, podia ser simpática, e talvez atrativa, até se transformar em doença. No ano de 1980, a American Psychiatric Association decidiu que a timidez é uma doença psiquiátrica e a incluiu em seu Manual de alterações mentais, que periodicamente põe os sacerdotes da Ciência em dia.

Como toda doença, a timidez precisa de medicamentos. Desde que a notícia se tornou conhecida, os grandes laboratórios ganharam fortunas vendendo esperanças de cura aos pacientes infestados por essa fobia social, alergia a pessoas, doença médica severa... (Eduardo Galeano, 2012, p. 124)¹

Minha escolha por iniciar a apresentação deste ebook com Galeano se dá, por me sentir provocada a pensar no termo saúde. Quando falamos em saúde precisamos delimitar se falamos de um campo de prática ou de um campo de conhecimento.

Como campo de prática temos o SUS (Sistema Único de Saúde) – mas não apenas ele – que como sabemos é um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública do mundo, abrangendo desde o simples atendimento para avaliação da pressão arterial, por meio da Atenção Básica, até o transplante de órgãos. Mas, quando falamos de campo de conhecimento, precisamos de uma discussão ampliada sobre o conceito de saúde. Não pretendo aqui analisar o conceito de saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde), uma vez que apesar dos avanços trazidos pelo conceito, ele não rompe com o paradigma da saúde vista como um equivalente inverso da doença.

Aqui, quero destacar, não um conceito de saúde, mas uma compreensão. Sawaia (1995)² escreve que saúde não é a ausência de doença ou de angústia, mas, é ter no corpo potência que permita a cada sujeito lutar. Lutar contra o que lhe entristece. Lutar contra a angústia que toma conta de si. A autora diz ainda, que promover saúde não é ministrar medicamentos ou ensinar padrões comportamentais, mas é atuar na base afetivo-volitiva dos comportamentos e ações, ou seja, atuar na relação emoção/pensamento.

Somando a esta discussão, Souza e Sawaia (2016, p. 04)³ defendem que saúde é um conceito ético-político. As autoras escrevem

1 Galeano, Eduardo. (2012). Os filhos dos dias. (Tradução Eric Nepomuceno). Porto Alegre: L&P.

2 Sawaia, Bader Burihan. (1995). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. Psicologia Social: aspectos epistemológicos e éticos. In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), Novas veredas da Psicologia Social (pp. 157-68). São Paulo: Brasiliense

3 Souza, Ana Silvia Ariza de, & Sawaia, Bader Burihan. (2016). A Saúde como Potência de Ação: uma análise do coletivo e de Comuna do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Revista Psicologia Política, 16 (37), 305-320. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000300005&lng=pt&tlng=pt.

“buscamos ressaltar uma dimensão ético-política da saúde, que considera essas determinações sociais, mas vai além, coloca o processo de saúde/doença na ordem da dialética entre autonomia e heteronomia, o que significa tirar a saúde do campo biológico e das condições materiais, inserindo-as na ordem da virtude pública. A saúde vai além do estado de bem-estar físico e espiritual, e adquire a dimensão da felicidade pública: poder de negociação com as autoridades de discutir os negócios públicos(...)”.

Demarcar que a saúde é ético-política, nos faz recordar que existe um sujeito, um sujeito de potência. E, portanto, não podemos falar em saúde, se não falarmos de condições de vida, se não falarmos de racismo, se não falarmos de violência doméstica, se não falarmos de questões de gênero. Se não falarmos dos determinantes sociais que constituem ética e politicamente a vida desse sujeito.

Quando Galeano escreve “A fabricação da doença”, sinto-me provocada a pensar na sociedade em que vivemos e, na medicalização da vida, do cotidiano, ou qualquer momento mais frágil no qual estejamos inseridos. Ao medicalizar a vida, esquecemos da potência humana, de toda potência que ainda existe apesar das dificuldades, das desigualdades, do sofrimento. Não dá para falar de saúde demarcando apenas a ausência de doença, demarcando apenas condições biológicas de vida, porque ter potência para lutar em momentos de dificuldade é ter SAUDE.

Não podemos negar o sofrimento, mas precisamos entender que ele compõe o sujeito, não é negar as condições sociais mais ao contrário entender que elas constituem sujeitos. Estar saudável é, portanto, dar conta de lutar, ter vigor, ter potência.

Este ebook é resultado de uma série de pesquisas e experiências em psicologia. Nele há relatos de sofrimento, mas muitos relatos de potência, de novos modos de compreender sujeitos e suas condições de saúde-doença.

O livro está organizado em três partes. A primeira parte intitulada “Relatos de Pesquisas” conta com vinte capítulos que apresentam diferentes pesquisas, algumas teóricas outras empíricas. As temáticas que circulam nesta parte, se referem a formação dos profissionais de saúde, diferentes propostas terapêuticas - Terapia Comunitária, Sarau Poético, Arteterapia - e, diferentes processos de adoecimento - autismo, usuários de CAPS, sofrimento psíquico, Reforma Psiquiátrica, Promoção de Saúde, Suicídio, Estupro, Depressão, Dependência Química. A segunda parte intitulada “Relatos de Experiência” é composta de seis capítulos. Nesta parte, os autores contam sobre seus trabalhos e os caminhos de compreensão do processo saúde-doença. A terceira e última parte intitulada “Ensaio” inclui oito pequenos textos, que permitem ao leitor acompanhar as reflexões iniciadas pelos autores.

Desejamos boa leitura a todos e que os conhecimentos aqui apresentados possam provocar e convocar reflexões, como faz Galeano.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

PARTE 1 – RELATOS DE PESQUISA

CAPÍTULO 1	1
A ARTETERAPIA COMO EXPRESSÃO E SUPORTE DE SENTIMENTOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS	
Vanessa de Sousa Callai Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres	
DOI 10.22533/at.ed.9691903091	
CAPÍTULO 2	14
A PSICOLOGIA NOS CAPS	
Karla Maria Duarte Castro	
DOI 10.22533/at.ed.9691903092	
CAPÍTULO 3	26
A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM PSICOLOGIA: DESAFIOS E REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO	
Silvana Viana Andrade Suze Cristina Barros dos Santos Vânia Matias de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9691903093	
CAPÍTULO 4	38
AÇÕES DE PROTAGONISMO E GARANTIA DE DIREITOS NOS CAPS NO DISTRITO FEDERAL	
André Vinícius Pires Guerrero Barbara Coelho Vaz Adélia Benetti de Paula Capistrano Enrique Araujo Bessoni June Scafuto Correa Borges Pérolla Goulart-Gomes Natanielle Cardona Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9691903094	
CAPÍTULO 5	50
A EXCLUSÃO DOS ANORMAIS E A EFETIVAÇÃO DO DISPOSITIVO DA LOUCURA	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo	
DOI 10.22533/at.ed.9691903095	
CAPÍTULO 6	59
CARACTERIZAÇÃO DOS ÓBITOS POR SUICÍDIO EM IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL, BRASIL, NO PERÍODO DE 2007 A 2016	
Ruth da Conceição Costa e Silva Sacco Sílvia Maria Ferreira Guimarães Patrícia Maria Fonseca Escalda	
DOI 10.22533/at.ed.9691903096	

CAPÍTULO 7 71

CARACTERIZAÇÃO DO SUICÍDIO NO ESTADO DA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2008 E 2017: UM ESTUDO ECOLÓGICO DE SÉRIES TEMPORAIS

Alesson Gabriel Martins Silva Bezerra
Laura Moreira Queiroz
Mila Nora Pereira Oliveira Souza
Paula Cristian Dias De Castro
Raissa Andressa Da Costa Araújo
Thiago Barbosa Vivas

DOI 10.22533/at.ed.9691903097

CAPÍTULO 8 82

CRISE PSICOSSOCIAL: UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE CRISE EM SAÚDE MENTAL

Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior
Priscila Coimbra Rocha
Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté
Alessandra Gracioso Tranquilli

DOI 10.22533/at.ed.9691903098

CAPÍTULO 9 97

CONTRIBUIÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DA RAPS: MAPEAMENTO DE AÇÕES PROMOTORAS DE SAÚDE NA REGIÃO DO CAMPO LIMPO SÃO PAULO

Elisabete Agrela de Andrade
Vivian Andrade Araújo
Maria Camila Azeredo de Jesus
Ludimilla Deisy da Silva Gomes Martins
Karine Vieira de Moraes
Mariangela Nascimento Bezerra de Paula
Damares Borges dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9691903099

CAPÍTULO 10 106

DEMANDAS POR DIREITOS E O ACESSO AOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE SAÚDE MENTAL

Inês Terezinha Pastório
Marli Renate Von Borstel Roesler

DOI 10.22533/at.ed.96919030910

CAPÍTULO 11 116

ESTUPRO E TENTATIVA DE SUICÍDIO: O IMPACTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO COTIDIANO DA MULHER

Angela Pires da Silva

DOI 10.22533/at.ed.96919030911

CAPÍTULO 12 127

ETNOFARMACOLOGIA, AYAHUASCA, E AS POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS PARA O USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Rodrigo Scalabrin
Maria Soledade Garcia Benedetti
Germana Bueno Dias
Thiago Martins Rodrigues
Lincoln Costa Valença

DOI 10.22533/at.ed.96919030912

CAPÍTULO 13 136

EXERCÍCIOS FÍSICOS: EFEITOS SOBRE A DEPRESSÃO E QUALIDADE DE VIDA

Givanildo de Oliveira Santos
Rosimari de Oliveira Bozelli
Laís Mirele Oliveira Martins Daciuk
Eliene Lopes de Souza

DOI 10.22533/at.ed.96919030913

CAPÍTULO 14 147

GESTÃO EM SAÚDE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: ADOECIMENTO PSÍQUICO COMO REFLEXO AO TRABALHADOR

Rodrigo Scalabrin
Darlim Saratt Mezomo
Keila Rodrigues da Fonseca
Régia Cristina Macêdo da Silva
Sandra Maria Franco Buenafuente

DOI 10.22533/at.ed.96919030914

CAPÍTULO 15 158

LA SALUD MENTAL: UN PROBLEMA DE LA SALUD PUBLICA GLOBAL

Adriana Lucia Acevedo-Supelano
Camilo José González-Martínez
Maximiliano Bustacara-Díaz
Luis Alejandro Gómez-Barrera

DOI 10.22533/at.ed.96919030915

CAPÍTULO 16 167

MULHERES DONAS DE CASA ATENDIDAS NO AMBULATÓRIO DE SAÚDE MENTAL: UMA QUESTÃO DE SAÚDE E BEM-ESTAR ANTE O SOFRIMENTO DA ADIÇÃO E O AMBIENTE FAMILIAR

Gilmar Antoniassi Junior
Ester Roza Luz Freitas
Flávio Henrique Sousa Santos
Luciana de Araujo Mendes Silva
Glória Lucia Alves Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.96919030916

CAPÍTULO 17 182

QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE MENTAL DE FUTUROS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM – UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Daniel Borges Dutra
Sonia Regina Jurado
Izabela Carvalho Vieira
Letícia Akie Nagata
Cláudia Kauany da Silva Hildebrando
Beatriz Soares dos Santos
Vanessa Bernardo da Silva Souza
Gabriela Melo Macedo
Hilary Elohim Reis Coelho
Mara Cristina Ribeiro Furlan
Thais Carolina Bassler
Adailson da Silva Moreira

DOI 10.22533/at.ed.96919030917

CAPÍTULO 18	195
REFORMA PSQUIÁTRICA BRASILEIRA: ENTRAVES PERCEBIDOS POR PSICÓLOGOS COORDENADORES DE OFICINAS TERAPÊUTICAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	
Anelisa Cesario Santana Ana Luiza de Mendonça Oliveira Rodrigo Sanches Peres	
DOI 10.22533/at.ed.96919030918	
CAPÍTULO 19	205
SAÚDE MENTAL: AÇÕES DE CUIDADO DA ENFERMAGEM	
Ana Vitória Conceição Ribeiro de Menezes Ana Socorro de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96919030919	
CAPÍTULO 20	218
TRAJETÓRIA DAS TRABALHADORAS DE ENFERMAGEM DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTIL	
Beatriz Jacques Cardoso Rodrigues Laís Chagas de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.96919030920	
PARTE 2 - RELATOS DE EXPERIÊNCIA	
CAPÍTULO 21	230
A IMPLANTAÇÃO DE SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DE ADOLESCENTES COM TEA	
Lídia Isabel Barros dos Santos Silveira Benhur Machado Cardoso Caroline Ramaldes Vaz da Costa Thatiane Gabriela Guimarães Pereira Ana Lúcia Silveira Rusky Ilton Garcia dos Santos Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.96919030921	
CAPÍTULO 22	242
OFICINA NA PRAIA – OCUPANDO O TERRITÓRIO COM UMA EXPERIÊNCIA PLURAL	
Nelson Falcão de Oliveira Cruz Fabrice Sanches do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.96919030922	
CAPÍTULO 23	251
GRUPO DE ATIVIDADE FÍSICA NO TERRITÓRIO: DISPOSITIVO TERAPÊUTICO A USUÁRIOS E FAMILIARES	
Sdnei Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.96919030923	
CAPÍTULO 24	259
PROPOSTA TERAPÊUTICA DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA ARTE DE SER	
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt Fabiano Guimarães de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.96919030924	

CAPÍTULO 25	271
RODA DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: CONSTRUINDO A AGENDA DE SAÚDE MENTAL UNIVERSITÁRIA	
Elisângela Lopes de Faria	
Ana Maria Cecílio	
Diego Vales Deslandes Ferreira	
Flávia M. Barroca de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96919030925	
CAPÍTULO 26	282
SARAU POÉTICO DO CAPS ADIII: SINTO, FALO, ESCREVO E ME REINVENTO	
Suzi Keila Fiuza Andrade	
Murilo Cordeiro Gonçalves	
Talita Isaura Almeida Ferraz Araújo Pereira	
Thayse Andrade Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.96919030926	
PARTE 3 – ENSAIOS	
CAPÍTULO 27	287
A LOUCURA ENTRE O SISTEMA PRISIONAL E A ÉTICA DA REFORMA PSIQUIÁTRICA	
Ana Carolina de Lima Jorge Feitosa	
DOI 10.22533/at.ed.96919030927	
CAPÍTULO 28	292
CUIDANDO DE PACIENTE COM DEPRESSÃO NO CONTEXTO FAMILIAR E TERRITORIAL: RELATANDO EXPERIÊNCIA	
Stela Almeida Aragão	
Thainan Alves Silva	
Rosineia Novais Oliveira	
Patrícia Anjos Lima De Carvalho	
Bárbara Santos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.96919030928	
CAPÍTULO 29	298
MOVIMENTOS INSTITUINTES DE ENSINO E APRENDIZAGEM: A PRESENÇA PRÓXIMA DOCENTE	
Maria Goretti Andrade Rodrigues	
Erilza Faria Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.96919030929	
CAPÍTULO 30	301
MUDANÇAS NA POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL	
Maria Luisa Gazabim Simões Ballarin	
Carolina Ozorio Kozoroski	
DOI 10.22533/at.ed.96919030930	
CAPÍTULO 31	310
NOTAS SOBRE SEXUALIDADE: GÊNERO, UMA FALSA QUESTÃO?	
Paulo Renato Pinto de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.96919030931	

CAPÍTULO 32	314
O CORPO NA COMUNICAÇÃO ENTRE TERAPEUTA E A SINGULARIDADE DO ESPECTRO AUTISTA	
Marlon Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.96919030932	
CAPÍTULO 33	316
SUICÍDIO NO BRASIL: A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA SAÚDE	
Karolinny Donato Pinto de Oliveira	
Gabriel Fernandes de Sousa	
Keli Camila Vidal Grochoski	
Eveline de Almeida Silva Abrantes	
DOI 10.22533/at.ed.96919030933	
SOBRE A ORGANIZADORA	322
ÍNDICE REMISSIVO	323

OFICINA NA PRAIA – OCUPANDO O TERRITÓRIO COM UMA EXPERIÊNCIA PLURAL

Nelson Falcão de Oliveira Cruz

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,
Instituto de Psiquiatria – IPUB
Rio de Janeiro, RJ

Fabrice Sanches do Carmo

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,
Instituto de Psiquiatria – IPUB

RESUMO: No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Betinho, em Macaé, estado do Rio de Janeiro, Brasil é realizada a Oficina na Praia, atividade terapêutica envolvendo usuários e profissionais. Trata-se de uma ocupação da praia com diversas atividades, de caráter plural, com poder de decisão do usuário em participar como lhe convier, ou simplesmente, olhar a paisagem e se divertir. Este trabalho pretende debater esta experiência sob os aspectos clínico e político, constituindo exemplo de importante ferramenta de resistência frente à precarização do SUS e ao atual desmonte que vem sofrendo a Reforma Psiquiátrica.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina, Território, Praia, CAPS, Macaé

BEACH WORKSHOP – OCCUPYING THE TERRITORY WITH A PLURAL EXPERIENCE

ABSTRACT: At Betinho Center for Psycho-Social Care (CAPS) in Macaé, state of Rio de Janeiro, Brazil, is held the Beach Workshop,

in which professionals and patients take part. It is an occupation of the beach with various activities, of plural character. Patients have total freedom to choose any of all the activities offered, including just looking at the landscape and having fun. This work is focused on clinical and political aspects as an example of an important tool for resistance to the precariousness of SUS (the Brazilian health system) and to the current threat that Brazilian Psychiatric Reform is suffering.

KEYWORDS: Workshop, Territory, Beach, CAPS, Macaé

1 | INTRODUÇÃO

“Eu tava

Na beira da praia

Ouvindo as pancadas

Das águas do mar”

(Ciranda de Lia, canção de Antônio Baracho)

Pretendemos fazer aqui um breve relato de uma experiência clínica realizada no CAPS Betinho, em Macaé-RJ. Trata-se de um município do estado do Rio de Janeiro, com 206 mil habitantes de acordo com o censo de 2010 e população estimada para 2018 de 251 mil habitantes (IBGE, 2019), tendo havido um processo de explosão demográfica a partir da

década de 80 do século passado, impulsionada pela exploração de petróleo na região. Entendemos que diante do atual cenário, no qual o Ministério da Saúde tenta impor uma “Nova Política Nacional de Saúde Mental” (BRASIL, 2019a), que segundo diversas entidades (CNS, 2018, CNDH, 2019b, ABRASCO, 2017, CFP, 2017) representa um grande retrocesso à Reforma Psiquiátrica Brasileira, discutir este tipo de prática é também apontar para o modelo de cuidados em saúde mental que defendemos. Discutir esta clínica é se posicionar por uma política de saúde mental de base comunitária e territorial, pautada no respeito à pessoa com sofrimento psíquico. Assim, este trabalho pretende debater esta experiência sob o aspecto Clínico-político.

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Betinho é um CAPS tipo II que, como definido pela portaria MS/GM 336, atende a portadores de transtornos mentais severos e persistentes, constituindo-se um serviço de atenção diária funcionando segundo a lógica do território, devendo ser a referência de cuidado para uma população de até 200.000 habitantes (BRASIL, 2002). São pessoas com histórico de diversas internações psiquiátricas, que tem sua autonomia reduzida e carregam o estigma da loucura.

Em 2016, depois de funcionar por muitos anos no mesmo endereço, o CAPS Betinho mudou-se para um local que fica a 10 minutos de caminhada da Praia da Imbetiba. Tais mudanças costumam ser processadas com dificuldade por pessoas com este tipo de dificuldade, resultando, não raro, em um momento de afastamento do CAPS e, conseqüentemente em novos períodos de crise psiquiátrica. Era, então, um momento de adaptação à nova sede e ao novo território, o que implicou em muita resistência por parte dos usuários, já acostumados com o endereço antigo. Deste modo, uma das estratégias utilizadas para travar contato com o novo território, conferindo-lhe significado, foi aproveitar a proximidade da praia e utilizar este espaço.

Anteriormente, havíamos visitado a praia diversas vezes em caráter de passeio e de forma esporádica. Desta vez a proposta era outra: uma verdadeira ocupação da praia com atividades que viriam potencializar a utilização do espaço público pelos usuários do CAPS Betinho.

Diversos profissionais e estagiários do CAPS passaram a construir esta ocupação do território com regularidade. Nenhuma atividade era obrigatória, e poder transitar livremente entre elas, sugerir e até conduzir novas atividades tornou-se um exercício constante. Alguns usuários gostavam de experimentar de tudo o que era oferecido, outros elegiam alguma coisa que lhes chamasse mais atenção e nela permaneciam, outros ainda não faziam “nada”, apenas iam para a praia e conversavam. Até hoje, há aqueles que gostam (ou necessitam) de andar até a praia em grupo, constituindo-se a maioria, enquanto outros preferem encontrar o grupo lá e nem passam pelo CAPS, e ainda tem aqueles que saem da unidade depois de todos para estarmos juntos na praia, mas não no percurso.

Tem usuário nadando na água, tem gente só na beirinha ou na areia e, até um grupo que fica pelo calçadão. Neste cenário diversificado, realizam-se trocas afetivas e materiais no corpo social (KINOSHITA, 1996) e, podemos identificar o respeito à

diferença e a construção de autonomia dos usuários, onde a liberdade é um permanente exercício.

2 | A OFICINA NA PRAIA: EXPERIÊNCIA PLURAL NO TERRITÓRIO

A Oficina na Praia proporciona aos usuários acesso à praia, visto que muitos deles não se sentem convidados ou autorizados a frequentar este espaço sozinhos. Ir à praia junto aos demais usuários, profissionais e estagiários torna-se facilitador à ocupação do território no entorno do CAPS, auxiliando na desconstrução do estigma em relação à pessoa com sofrimento psíquico grave.

Tal atividade permite realizar atividades terapêuticas em ambiente mais descontraído, acolhedor ou simplesmente diferente do espaço da unidade, garantindo interação com a população que frequenta a praia e a inclusão dos usuários em espaços públicos da cidade.

Nos dias da oficina, realizamos diversas atividades na praia, entre elas: banho de mar, nado livre, caminhada, yoga, atividades expressivas baseadas em jogos teatrais, alongamento, jogos com bola, soltar pipa e roda de violão. A maior parte delas acontecem de modo livre, havendo aquelas que são dirigidas pelos facilitadores ou por algum usuário do grupo.



Foto: arquivo pessoal dos autores.

A Praia de Imbetiba, onde acontece a oficina, foi aterrada nos anos 80, com a chegada da Petrobras (Companhia Brasileira de exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo, gás natural e seus derivados) em Macaé, o que fez com que o seu mar se mantivesse permanentemente calmo. Deste modo, o mar torna-se propício à prática de esportes aquáticos, banhos de mar e, ao longo do

ano, destacam-se entre os seus frequentadores famílias com crianças, adolescentes e grupos que praticam natação.

Muitos usuários usufruem do banho de mar, sendo notável a alegria que o contato com a água desperta. Temos a impressão que a Oficina na Praia propiciou o primeiro banho de mar a alguns usuários, a partir da observação de risos, de ir se molhando aos pouquinhos e do brincar com a água. A presença dos profissionais e estagiários envolvidos na oficina permite que os usuários recebam apoio nas situações em que inicialmente, sentem medo, como mergulhar ou mesmo se banhar.

I.L.B., 42 anos, em uma das Oficinas na Praia, sentou-se na beira do mar, junto a um profissional e, o ir e vir das ondas molhando seu corpo, a ajudou a perder o medo que tinha da água. Semanas depois, sua família relatou que num passeio que fizeram a uma lagoa da região, ela quis entrar na água, como antes não fazia.

G.R., 31 anos, ao participar da Oficina na Praia pela primeira vez, acompanhada por sua mãe e irmã, aproximou-se da água, molhando inicialmente as mãos e os pés. Depois, com a ajuda de uma profissional e de um estagiário, ela conseguiu se jogar na água, molhando todo o corpo, repetindo este movimento por diversas vezes, demonstrando plena satisfação neste contato com a água.

Parte dos frequentadores da oficina trava uma relação mais destemida com o mar. É comum vê-los correrem da areia até a água mergulhando de uma só vez. Há aqueles que sabem nadar e, junto aos profissionais e estagiários, contornam um quebra-mar, nadando cerca de 200 metros.

A caminhada na Praia da Imbetiba é uma constante na oficina. Feita em pequenos grupos ou individualmente, sua trajetória varia entre a areia da praia e as pedras de arrebentação que formam um píer, onde é possível ver de forma mais nítida, as Ilhas do Papagaio e Ilha de Santana, além das tartarugas marinhas, sempre presentes no local.

Um dia o grupo estava dentro da água, jogando bola com as mãos. Um senhor que estava na praia se aproximou e começou a jogar com o grupo, a princípio ninguém o conhecia. Após algum tempo ele começou a chamar alguns dos usuários pelo nome e, quando lhe perguntamos como ele os conhecia, o senhor se apresentou e explicou que era motorista da ambulância do serviço do município. Ele contou que estava acostumado a levar estes usuários, quando em crise, à emergência psiquiátrica, estando muito surpreso ao vê-los naquela situação, fora da crise e se mostrando totalmente diferentes de como imaginava;



Foto: arquivo pessoal dos autores.

Em algumas oficinas, conforme o interesse do grupo, é oferecida prática de yoga, pois entre os profissionais responsáveis pela oficina, há uma professora de yoga devidamente qualificada e certificada para esta função. A prática de yoga na praia tem duração aproximada de meia hora e, visa principalmente resgatar a consciência corporal dos usuários. São feitos pranayanas (exercícios de controle do prana/respiratórios), âsanas (posturas), relaxamento (savásana) e meditação (por pouco tempo). A aula é preparada levando-se em consideração as possibilidades dos usuários que são orientados a não ultrapassar os limites do seu corpo.



Foto: arquivo pessoal dos autores.

Alguns participantes relatam sentirem-se relaxados após a prática de yoga. Entendemos a importância desta prática no espaço público, por permitir que os referenciais do yoga, assim como os seus benefícios, se estendam aos usuários do CAPS e demais participantes da oficina.

Geralmente, levamos uma bola. E, parte do grupo se reúne em roda para jogar vôlei. Cada um joga como sabe e há vezes em que a bola fica mais no chão do que no ar. Há dias em que o vento atrapalha, mudando a direção da bola. Resgata-se o espírito

solidário, não havendo cobranças para se jogar de modo correto ou perfeito. É um momento descontraído, de grande interação, onde profissionais e usuários resgatam sua criança interior (JUNG, 2008), fortalecendo vínculos e construindo afetos.

Em algumas oficinas, um usuário leva suas bolas de vôlei e futebol de praia, destacando-se o cuidado que tem de encher as bolas no dia anterior. Nestes dias, quando a bola não fica dura, fica mais fácil controlar sua direção no jogo, mesmo se estiver ventando.

Houve uma vez em que os usuários empinaram pipas na oficina. Em uma atividade do CAPS, um usuário levou o bambu cortado e ensinou os demais a fazerem suas pipas, numa ação de protagonismo, conforme preconizado nos referenciais da Atenção Psicossocial.

A roda de violão constitui um momento vivo, de grande alegria, onde os usuários escolhem músicas para cantarem em grupo. MPB, sertanejo, rock, pop, samba fazem parte do repertório, sendo comum a participação dos frequentadores da praia que se unem a ao grupo, sugerindo canções ou mesmo tocando violão. Há dias em que os usuários levam instrumentos de percussão, tornando a roda mais animada. Cabe apontar que esta atividade é realizada por um musicoterapeuta devidamente habilitado, mas ela não constitui um grupo de musicoterapia porque os objetivos e a o formato da atividade diferem. No grupo, realizado no CAPS, são trabalhados objetivos terapêuticos específicos de cada participante e da relação entre eles, havendo uma continuidade do mesmo, com os conteúdos sendo resgatados de uma sessão para a outra. Na roda de violão o foco é no encontro realizado no dia, a atividade é mais livre e o que se busca é, essencialmente, descontrair os participantes para que se sintam mais a vontade na praia e integrar os usuários aos seus demais frequentadores.

Por muitas vezes alguém na praia ao nos ver numa roda de violão, pede para participar, tocar e cantar conosco. Em uma destas vezes a pessoa perguntou se éramos um grupo de religiosos ou o que seríamos. Limitamo-nos a negar qualquer rótulo, mas logo depois vimos que, em seguida, ele foi abordado por uma senhora que não havia interagido diretamente com o grupo, que não conhecia ninguém do CAPS, mas que lhe explicou exatamente quem somos – demonstrando que mesmo quem parece não estar interagindo com a atividade é afetada por ela.

Podemos apontar que esta situação, assim como o encontro com o motorista da ambulância, narrado acima, são exemplos de como a simples convivência com as pessoas com sofrimento psíquico pode contribuir sobremaneira tanto para a diminuição do estigma quanto para a apropriação dos espaços por parte dos usuários.



Foto: arquivo pessoal dos autores.

Outro aspecto da oficina na praia é a utilização da mesma enquanto espaço de formação. Já participaram dela com frequência estagiários de psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF e de enfermagem e de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A discussão com os estudantes é sempre muito rica, pois podemos abordar desde questões psicopatológicas que surgem aos conceitos de território, de autonomia/contratualidade, de protagonismo dos usuários, etc. No entanto o que mais costuma chamar atenção é o potencial de desconstrução do estigma, inclusive entre os próprios estagiários, que ao compartilhar esta experiência passam a ver com outros olhos as pessoas com sofrimento psíquico.

A Oficina se deu nos últimos dois anos com frequência variada e suas datas são combinadas nas assembleias mensais do CAPS, junto aos usuários do serviço. Nos períodos mais frios a tendência é de realizarmos a oficina mensalmente, e sem o banho de mar. Entretanto já houve períodos nos quais a oficina foi semanal, exceto pela primeira semana do mês quando ocorrem as assembleias. Em geral, na maior parte do tempo realizamos duas oficinas na praia por mês.

Ao decidir escrever sobre esta experiência propusemos aos usuários participantes da oficina que auxiliem na construção do texto, afinal, a atividade também foi construída em conjunto com eles. Reproduzimos então aqui a fala dos usuários que participaram da discussão acerca da oficina na praia:

R. G. 58 anos: fala sobre a importância da interação proporcionada pela atividade, valoriza a Yoga, por ser uma “coisa diferente, que veio da Índia (...) acho que a Fabrice aprendeu yoga para a gente fazer na praia”. Também falou sobre ajudar a vencer o medo do mar.

E. R. 60 anos: Fala sobre a localização privilegiada do CAPS, próximo à praia, sobre a responsabilidade de todo o grupo durante o trajeto. “Acho a oficina na praia

muito terapêutica, porque reúne várias oficinas. Acho muito importante a questão da coletividade, fazer as coisas juntos, companheirismo.” Cita a participação de cada profissional e estagiário que se envolveu na oficina na praia. “Não sabemos se existe outro CAPS como este!” (...) “O cuidar só muda de lugar!”

M. A. 38 anos: “É bom, porque a gente faz uma terapia fora do CAPS, com entrosamento com a natureza”.

R. R. 44 anos: “Este tratamento ajuda a gente a não ser internado”.

Q. C.43 anos: “Muito legal! Tem gente que conhece nossos eventos pela nossa presença na praia”!

E. B. 39 anos: “A gente se reúne para não ficar desorientada. Quando eu vou à praia sozinha eu não me sinto bem como quando eu vou com o grupo do CAPS”. Todos os participantes da discussão concordaram com esta afirmação.

Além destas falas ainda houve outras, mais dispersas, sobre a sensação de segurança em ir com o grupo, por medo de ter os pertences roubados se estivessem sozinhos; lembranças de dias específicos na oficina e lembranças das estagiárias.

Desta forma, o grupo ressaltou as seguintes questões: importância da atividade para estreitar os laços entre os usuários; o quanto o grupo possibilita uma apropriação do território; o cuidado sendo produzido fora da unidade de saúde. A percepção do grupo é muito consonante com os objetivos propostos pelos profissionais, chamando atenção o nível de compreensão da proposta pela maioria dos participantes.



Foto: arquivo pessoal dos autores.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina na Praia nos dá a dimensão do cuidado ampliado em Saúde Mental. A clínica ampliada é uma das diretrizes da Política Nacional de Humanização e constitui uma “ferramenta teórica e prática cuja finalidade é desviar de uma abordagem clínica do adoecimento e do sofrimento, que considere a singularidade do sujeito e a complexidade do processo saúde/doença” (BRASIL, 2019c). Romper o espaço físico da unidade de saúde, assim como os papéis profissionais cristalizados é proporcionar

também aos usuários um campo fértil para a construção de novas relações com o território e seus atores.

Ocupar espaços da cidade como a praia é favorecer a inclusão das pessoas com sofrimento psíquico, garantindo-lhes o poder de trocas materiais e afetivas no corpo social. Representa uma postura de resistência ao desmonte e precarização do SUS e nos traz a certeza de que temos que continuar garantindo o cuidado em bases democráticas e humanísticas.

REFERÊNCIAS

ABRASCO, **Nota contra os retrocessos da CGMAD/MS frente à política brasileira de Saúde Mental**. Disponível em <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais/retrocessos-saude-mental-governo-temer/32436/>. Acessado em 26/03/2018. Rio de Janeiro, 2017

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria 336**, de 19 de fevereiro de 2002. Brasília, DF. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html acessado em 15/010/2018.

_____, **NOTA TÉCNICA Nº 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS** de 4 de fevereiro de 2019a. Disponível em <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf> acessada em 15/5/2019

_____, **Recomendação 03 do CNDH**, de 14/3/2019b. Disponível em https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/2019/marco/SEI_MDH0708397Recomendacao3sobreaNovaPoliticodeSaudeMental.pdf. Acessado em 15/05/2019

_____, **Ministério da Saúde. Diretrizes do HumanizaSUS**. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/humanizasus/diretrizes>, acessado em 15/05/2019c

CNS, **RECOMENDAÇÃO Nº 001**, <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes/2018/Reco001.pdf> Brasília, 31 DE JANEIRO DE 2018.

CFP, **Posicionamento do Sistema Conselhos contrário ao Plano Nacional de Saúde Mental**; 16 e 17 de dezembro de 2017, disponível em <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-contrário-ao-Plano-Nacional-de-Saúde-Mental.pdf>. Acessado em 22/06/2018

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Appy e Dora Mariana Ferreira Silva 6ed Petrópolis: Vozes, 2008.

KINOSHITA, Ricardo T. **Contratualidade e reabilitação psicossocial**, in PITTA, Ana Maria F. Reabilitação Psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOBRE A ORGANIZADORA

Eliane Regina Pereira: <http://lattes.cnpq.br/0023990232502452>. Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Itajaí (1995), com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007, 2011). Atualmente é docente da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Psicologia, integrante do Núcleo de Psicologia Social e da Saúde e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha Processos Psicossociais em Educação e Saúde. Líder do grupo de pesquisa Psicologia, Políticas Públicas e Relações Estéticas (CNPQ). Integra o GT da ANPEPP - A psicologia sócia histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social (2017 atual). Atua na área da Psicologia da Saúde, com ênfase em Psicologia Social e nos Processos de Criação em contextos de saúde.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso aos serviços 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114

Adicção 9, 167, 171, 173, 174, 176, 178

Adolescente 4, 6, 10, 88, 117, 179, 218, 219, 220, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 295

Álcool 24, 34, 56, 96, 100, 121, 127, 128, 129, 130, 132, 170, 179, 190, 191, 193, 204, 212, 217, 220, 274, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 301, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 323

Arteterapia 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 270

Atenção Psicossocial 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 38, 39, 43, 48, 49, 51, 53, 56, 57, 82, 84, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 100, 108, 111, 195, 196, 203, 204, 207, 208, 210, 216, 217, 219, 220, 221, 228, 229, 242, 243, 247, 251, 252, 254, 255, 258, 259, 260, 266, 283, 284, 286, 287, 289, 291, 294, 301, 302, 303, 305, 306, 308

Autismo 6, 144, 220, 231, 241

C

Crack 24, 100, 127, 128, 129, 132, 134, 170, 303, 306, 308

Crise 22, 44, 47, 51, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 199, 200, 243, 245, 255, 290, 291

Cuidado infanto-juvenil 218

D

Dependência química 33, 56, 121, 127, 129, 135, 170, 179, 217, 228

Depressão 6, 11, 33, 36, 37, 67, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 172, 174, 179, 180, 183, 184, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 316, 317, 319, 321, 323, 325

Desinstitucionalização 16, 17, 20, 85, 92, 95, 206, 209, 210, 251, 253, 286, 302, 306, 307

Diferença 22, 33, 65, 114, 141, 244, 288, 310, 311, 324

Dispositivo 12, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 200, 251, 257, 283, 303, 312

Distúrbios psicológicos 136

Doença crônica 1, 318

E

Enfermagem 3, 11, 12, 13, 36, 37, 69, 156, 157, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 248, 258, 271, 272, 275, 277, 280, 281, 292, 293, 294, 296, 297, 321, 327

Epidemiologia Descritiva 59

Espectro Autista 230, 232, 314

Estudantes 31, 34, 35, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 214, 248, 260, 271, 272, 275, 276, 277, 279, 280, 292, 298, 317

Estupro 6, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126

Exclusão 3, 16, 50, 55, 57, 87, 89, 207, 216, 274, 278, 302, 315

G

Gênero 6, 4, 5, 6, 64, 69, 89, 112, 125, 126, 310, 312, 313, 323

Gestão em Saúde 147, 149, 156

Grupo 8, 10, 12, 18, 38, 42, 53, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 93, 106, 109, 118, 139, 141, 142, 143, 163, 165, 167, 171, 172, 177, 180, 184, 195, 197, 198, 202, 217, 226, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 263, 265, 271, 277, 278, 285, 288, 293, 294, 324, 325, 328

H

História da Enfermagem 205

I

Ideação Suicida 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 119, 122

L

Loucura 15, 16, 19, 20, 23, 39, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 85, 92, 94, 95, 157, 196, 202, 203, 206, 208, 210, 216, 223, 243, 287, 288, 289, 290, 291, 302, 309

M

Mulheres 30, 59, 63, 67, 76, 80, 90, 91, 112, 116, 117, 119, 126, 138, 143, 144, 167, 170, 171, 172, 174, 176, 178, 179, 180, 188, 189, 317, 322, 324, 327

N

Narrativas 282, 285

O

Oficina 200, 203, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 263, 264, 265, 266, 282, 284, 285

Oncologia Infantojuvenil 1

P

Políticas de Saúde 41, 42, 59, 100, 148, 178, 219, 224, 276, 309

Políticas Públicas 15, 68, 80, 97, 105, 107, 108, 113, 114, 147, 148, 149, 150, 156, 158, 159, 164, 165, 205, 219, 220, 283, 328

Produção de subjetividades 99, 282

Promoção da saúde 2, 97, 98, 99, 100, 101, 105, 110, 111, 168, 177, 179, 220, 277, 307

Protagonismo 21, 25, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 92, 247, 248, 265, 295
Psicologia 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35,
36, 37, 57, 58, 81, 95, 97, 117, 125, 126, 127, 129, 133, 146, 171, 179, 180, 194, 195,
203, 204, 216, 227, 229, 230, 234, 241, 248, 259, 261, 265, 268, 269, 270, 272, 275,
284, 287, 288, 289, 320, 321, 328

Q

Qualidade de Vida 3, 34, 67, 99, 100, 109, 111, 115, 135, 137, 139, 140, 141, 143, 145,
148, 149, 168, 170, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193,
194, 205, 209, 215, 254, 272, 276, 280, 296, 316, 320, 323

R

Rede de Atenção Psicossocial 24, 38, 88, 95, 100, 228, 252, 255, 259, 260, 291, 301,
303, 305, 306, 308

Reforma Psiquiátrica Brasileira 17, 20, 39, 82, 91, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202,
203, 205, 206, 209, 210, 211, 214, 215, 219, 243

Relações Familiares 167, 171

S

Saúde do Idoso 59

Saúde do Trabalhador 147, 149, 152, 153, 154, 155, 157, 316

Saúde Mental 2, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 36, 39, 40,
41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 94,
95, 96, 97, 99, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 130, 138, 143, 145,
167, 171, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199,
201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219,
220, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 243, 249, 250, 251, 253, 254, 255,
256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 266, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280,
281, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 291, 292, 294, 296, 297, 301, 302, 303, 304, 306,
307, 308, 309, 314, 316, 327, 328, 329, 330, 331, 332

Sensibilização Corporal 314

Serviços de Saúde Mental 23, 39, 42, 48, 50, 56, 58, 85, 227, 280, 286, 308

Sexualidade 57, 126, 235, 236, 310, 311, 312, 313

Sistema Prisional 287, 288, 290, 291

Suicídio 6, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66,
67, 68, 69, 72, 73, 78, 80, 81, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 138,
175, 275, 305, 322, 323, 324, 325, 326, 327

SUS (Sistema Único de Saúde) 5

T

Terapia Comunitária 6, 271, 272, 274, 276, 277, 278, 279, 280

Território 17, 39, 40, 44, 45, 47, 62, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100,

101, 104, 105, 131, 197, 200, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 263, 266, 283, 303, 307

Tratamento 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 18, 20, 24, 29, 30, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 109, 111, 113, 124, 127, 129, 130, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 170, 177, 179, 195, 197, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 212, 215, 216, 219, 221, 222, 233, 235, 239, 240, 249, 260, 262, 263, 266, 269, 282, 283, 284, 288, 289, 291, 292, 293, 301, 306, 307, 308, 316, 319

V

Violência sexual 116, 117, 120, 121, 126, 233

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-596-9

